

Estudo 6 – As parábolas que ensinam sobre o Reino de Deus

João Batista anuncia o início do ministério de Jesus com uma forte proclamação: “Arrependei-vos, por que o reino de Deus está próximo”. Com isto estabelece uma ligação direta com o Antigo Testamento e com os anseios do povo judeu acerca da instauração do reino dos céus entre n’os, que traduzia a esperança pelo Messias e o fim das injustiças sofridas.

A ESPERANÇA DO REINO

A unção significava a ordenação ou comissionamento de alguém como rei no Antigo Testamento, para agir em lugar de Deus ou a seu mando para benefício do povo. Na posse de cada novo rei, o povo se enchia de expectativas messiânicas, ou seja, da esperança de que todos os problemas nacionais seriam resolvidos. Isto porque seria o reinado de Deus mesmo ou do seu Messias.

Assim a expectativa do reino de Deus tinha um caráter escatológico. Seria o fim da opressão política, da exploração do pobre e do domínio estrangeiro. Haveria justiça para todos, abundância e bem estar, sem fome ou provações, sofrimento, exploração ou opressão.

O conceito de salvação é relacionado mais diretamente a estes aspectos político-sociais. Era a libertação do povo destas situações de sofrimento por causa da servidão ou necessidades. A idéia de reino de Deus significava pôr fim a este estado de coisas: acabar com o que é mau. Isto era o que as pessoas esperavam do messias e por esta razão Jesus foi rejeitado pelos judeus.

No meio da opressão, da violência e miséria que hoje imperam, certamente é também a esperança de muitos. É o

que torna urgente a proclamação da mensagem de salvação pela igreja. Somente à medida em que os padrões de justiça divina se incorporam em nossa vida, como cidadãos, patrões, empregados, pais, filhos, maridos, mulheres, em todos os aspectos, poderemos ansiar pela diminuição de todas estas coisas que nos afligem.

O REINO DE DEUS ENTRE NÓS

O reino de Deus começou a tornar-se realidade no ministério de Jesus, continua sendo implantado entre nós, mas só será completo na consumação final dos propósitos de Deus para seu povo. Quando isto finalmente acontecer, já não haverá mais impedimento para que a vontade de Deus seja plenamente cumprida na vida de cada um.

Jesus falou sobre isto ao referir-se à figueira que anuncia o verão (Mc 13.28-29). Assim como as folhas verdes, os brotos tenros, anunciam a mudança de estação, seu ministério anunciava uma mudança. Uma mudança que só se completará no final dos tempos, mas isto não é motivo de tristeza. Pelo contrário, Jesus disse que ninguém se entristece durante as bodas (Mc 2.19). Mas deveria significar a disposição para levar estas mudanças adiante.

Com isto ele também demonstrou que não se tratava de uma simples continuação do velho sistema religioso judaico. Não era um simples remendo. Por isto, é necessário romper com as velhas práticas quando se faz parte do reino de Deus. Uma nova identidade é estabelecida.

Isto precisa ser lembrado a cada dia, quando velhas práticas do mundo procuram se misturar com o modo de vida do cristão. A falta de cuidado para com as coisas de Deus tem feito com que muitas igrejas percam suas características. Com a desculpa de acolher o pecador, têm dado guarida ao

pecado. Com o pretexto de trazer tantos quando possível, pregam um evangelho fácil, sem comprometimento.

O REINO É DE DEUS

Nestes últimos anos tem-se multiplicado o número de estabelecimentos que se intitulam igrejas. Com nomes os mais variados e criativos, muitos deles procuram apresentar-se como os novos guardiões das verdades eternas, porta de entrada para os céus. E o que torna a situação mais curiosa ou trágica é que estas “igrejas” têm donos.

Esta é a expressão literal. Não estamos falando daqueles grupos ultratradicionais em que membros com quarenta, cinquenta anos de participação têm sua palavra respeitada e acatada porque fazem parte da história do grupo. Ilustra muito bem isto a reportagem feita pelo **Jornal Nacional** no mês de março, quando após a leitura de um classificado de jornal (“Vende-se uma igreja”), os repórteres ligaram para o número anunciado e reproduziram o diálogo no ar: “Vocês estão vendendo a igreja, mesmo?” – “Sim, estamos” – E quanto vocês estão pedindo?” – “Nós queremos sete mil reais” – “Mas é só pagar? E as pessoas da igreja, elas não vão se incomodar?” “Que nada, é só pagar e começar porque as pessoas ficam e vão chegando mais, é bom negócio...”

Se isto pode nos chocar e dizemos rapidamente que não aconteceria em nossa igreja, será que podemos afirmar também sobre nossa experiência pessoal que somos cidadãos do reino porque pertencemos a Deus?

O mundo vem negociando conosco nossa alma, nosso coração, a atenção que damos para as coisas de Deus. As ofertas que recebemos são tentadoras. Nos fazem esquecer da família, dos compromissos, porque não nos fariam esquecer das coisas de Deus?

Certa vez, Jesus contou uma parábola que narrava a história da alegria de um rei pelo casamento de seu filho. Por causa disto, preparou uma grande festa. Convidou todas aquelas pessoas que julgavam seus amigos, conhecidos e vizinhos. O seu desejo de que todos estivessem lá era tão grande que, no dia da festa, mandou que seus empregados fossem avisar aos convidados que a festa estava pronta. Todos estavam muito ocupados (Mt 22.1-14).

O rei ficou furioso. Ele não estava convidando as pessoas apenas para que viessem alegrar-se. Ele era o rei, e queria que as pessoas o reconhecessem como tal. Digno de honra, respeito e consideração.

Alguns agiram tão mau para com o rei, que até mesmo ofenderam, feriram e mataram os seus servos. A recompensa que receberam por isto foi a morte. O rei mandou, então, que os servos saíssem, e trouxessem todas as pessoas que pudessem encontrar.

Esta é outra lição bastante atual. Quantas pessoas têm perdido o respeito, a consideração para com seus pastores, esquecendo-se que eles foram chamados pelo Senhor da igreja, que é Deus, o Senhor do reino.

A INFLUENCIA DO REINO DE DEUS

Quando examinamos a parábola do grão de mostarda, encontramos Jesus utilizando-se de uma minúscula semente que, quando cresce, torna-se uma árvore frondosa onde as aves do céu vêm buscar sombra e abrigo. Desta forma, ele ilustra o crescimento do reino de Deus (Mateus 13.31-32). O escritor Sátilas Camargo usa esta comparação para ilustrar o crescimento do cristianismo.

Começou pequeno, como um escândalo para os judeus, loucura para os gregos. Pequeno por ter surgido com um homem em quem não encontravam parecer, nem formosura,

segundo as palavras do profeta Isaías. Também por ter começado a partir de um grupo de doze discípulos, que depois chegaram a setenta, chegando a 120 na ascensão de Cristo, três mil em pentecostes, depois cinco mil, religião oficial do império romano com Constantino e, a partir da Idade Média, igreja católica romana, igreja ortodoxa russa e, chegando a idade moderna, a igreja reformada.

Com influência crescente, a igreja como expressão visível do reino de Deus foi se projetando sobre a sociedade, a ponto de, em alguns lugares, confundir-se com o próprio Estado. Escritores como Max Weber, associam a riqueza de nações, como os Estados Unidos e outras, à ascensão do protestantismo como forma dominante de pensamento da sociedade. Isto porque, diferente do judaísmo e do catolicismo romano que colocavam a pobreza como sendo algo positivo. Assim, é condenada aquela falsa proposição trazida para o Brasil pelos portugueses católicos de que trabalho é coisa de escravo e de que 'manda quem pode, obedece quem tem juízo' que se cristalizou nos diferentes meios sociais, inibindo durante muito tempo a livre iniciativa e a democracia.

Quando estamos vivendo o período que marca os quinhentos anos do Brasil enquanto nação, é saudável refletirmos sobre a influência desta herança religiosa que recebemos. Durante muitos anos só havia uma religião permitida. Hoje, embora seja proclamado um estado leigo, estabeleceu-se como feriado nacional, ou dia do Brasil, um dia dedicado a um ícone religioso. Formou-se pela tradição um tal sincretismo religioso, que parece que todas as aves vieram aninhar-se nos galhos frondosos do reino.

Devemos lembrar e tornar bastante visível para todos que o reino de Deus é sobretudo a realização da vontade do Pai na vida daqueles que o reconhecem como Senhor e o aceitam como Pai Eterno, e que a Palavra de Deus proclama: "Bem aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor" (Sl 144.15).